

A ESCRITA DA LUZ POR TOMAZ ALBERTO DANTAS

Eugênia Maria Dantas

Amanda Lins Gorgônio Costa

Evaneide Maria de Melo

A Fotografia...

No “álbum de história da condição humana” *figuram* múltiplas formas encontradas para registrar a passagem do homem pela Terra. O cinema, a literatura, a arte, a fotografia e a ciência são escritas que se alimentam presas às páginas desse imenso álbum imaginário, denotando os modos de dizer, de fazer e de existir do homem. Folheando o álbum, o leitor encontra um fragmento onde se lê: “o homem não foi capaz de classificar, ordenar, catalogar e quantificar, totalmente, os registros, seguindo uma lógica linear. As tentativas foram muitas, porém insuficientes. Desistimos. No entanto, pudemos identificar o tema Fotografia e traduzir o seu significado, qual seja: foto – luz; grafia – escrita. Escrita pela luz”. Na seqüência das páginas amareladas encontra-se uma escrita desgastada pelo tempo e *esgarçada* pela memória. Quanto mais se manuseia o livro, mais o leitor se perde em imagens espiraladas sem começo, meio ou fim, como se obedecesse a uma narrativa mítica.

O leitor ao deparar-se com o conjunto embaralhado de imagens sente vertigens e desequilíbrios. De forma *caleidoscópica* pessoas, acontecimentos, paisagens, eventos sociais, domingueiros, domésticos e cotidianos tomam a cena provocando uma sensação de reconhecimento e estranhamento simultaneamente. As imagens se impõem traçando um caminho a ser seguido, e o surpreendente é que neste caminho, mais do que revelações, depara-se com sombras; mais do que vozes, escuta-se silêncios.

É nesse cenário de sombra e silêncio que se tece a história da fotografia de qualquer recanto ou lugar, estejamos a contemplar as fotografias dos “Carvoeiros” de Sebastião Salgado ou uma família carnaubense de Tomaz Alberto Dantas.

A história da fotografia é assim: um fragmento, um grão de areia retirado desse imenso livro que é guardado em uma “biblioteca” construída sobre o terreno movediço da memória e das lembranças. Como se estivesse a ritualizar o paradoxo da condição humana, a fotografia como o próprio nome sugere, é uma escrita feita pela luz, mas ao mesmo tempo se cristaliza nas sombras das lembranças e no silêncio das vozes. Como objeto da memória está sujeita ao esgarçamento do tempo

que submete tudo ao seu poder corrosivo e ao espaço que tende a se modificar constantemente, sem observar que as formas são desenhos imprecisos da força da mão e do pensamento sobre um terreno selvagem.

A fotografia quer manter vivo aquilo que se desfez como fumaça ao vento. Impõe-se, nesse sentido, uma presença-ausência ou uma vida morta que sentencia de forma *irrevogável* a *fluides* do tempo. A poetisa Cecília Meireles foi perspicaz a esse respeito e cita:

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim, magro
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, fácil:
Em que espelho ficou perdida
A minha face?

(Retrato - Cecília Meireles)

Ao nos depararmos com uma fotografia antiga é impossível não experimentar os versos da poetisa impondo-se como questão: Onde foi que nos perdemos? Em que tempo nos modificamos? Ao tentarmos responder às indagações somos levados pelo impulso de querer contar uma história, relembrar um acontecimento. Talvez você, caro leitor, também queira contar a sua história que está gravada em imagens e que se encontram muitas vezes perdidas em “baús de recordações”. Por um lado é para isso que serve a fotografia: fazer retornar algo que não existe mais e que é impossível ser vivido novamente, a não ser como uma imprecisa recordação. Por outro, é a possibilidade de alimentar os *meandros* da imaginação, testemunhando juntamente com os outros registros os artifícios que o homem encontrou e encontra para alimentar o desejo da eternidade. A fotografia está no caminho do meio, entre a eternidade que torna as coisas estáveis e a vida que, alimentando-se da morte, revive e transcende o vivido. É nesse sentido, que se impõem uma visão de tempo e de história, do vivido e do imaginado, do real e do ficcional como pares *dialógicos* que alimentam e são alimentados pela força da memória. Mais do que uma certeza, ela é uma possibilidade, mais do que real, ela é sobre-real, mais do que pontual, ela é semântica. E assim, por mais que escrevamos sobre a

fotografia ou determinada fotografia, haverá sempre algo que não foi dito, que é impossível de ser dito, pois apenas um fragmento sentido. É um soluço, um riso, uma lágrima, um olhar, um gesto que, ultrapassando a fronteira da palavra, vai habitar as profundezas da imensidão da alma.

Contemplar a fotografia é adentrar numa espiral, conforme o sentido impresso pelo escritor pernambucano Osman Lins. Afirma ele que a espiral é desenhada com uma linha muito fina em que:

... ao primeiro olhar (...) não nos transmite uma impressão estática: parece-nos, antes, vir de longe, de sempre, tendendo para os centros, seu ponto de chegada, seu agora; ou ampliar-se, desenvolver-se em direção a espaços cada vez mais vastos, até que a nossa mente não mais a alcance. A verdade é que, se a seccionamos nas extremidades, arbitrariamente o fazemos; fazendo-o, guardamo-nos da loucura. Nem a eternidade bastaria para chegarmos ao termo da espiral – ou sequer ao seu princípio. A espiral não tem começo nem fim¹.

Sem começo, nem fim. Apenas uma imagem diante de nós. É assim a fotografia. Trágica com o verbo, fértil para a sensibilidade e a imaginação. Separar verbo e imaginação para tingir a essência da imagem? Impossível. Onde encontrar inspiração?

Longe da memória como um mecanismo estático de repetição do real, como sugere o personagem Irineu Funes de Jorge Luis Borges, temos como guia a idéia de que a fotografia participa do “álbum de história da condição humana” como um alimento que para ser lido alia a literatura, a arte, a ciência em um jogo *recursivo* e *dialógico*.

Nesse jogo, os personagens vão e vem; os lugares aparecem e desaparecem como se quisessem enganar o leitor. No ziguezague do tempo e do espaço encontramos a história da fotografia no Rio Grande do Norte. Os registros são poucos e dispersos e na maioria das vezes foram levados na memória por aqueles que *preconizaram* esse ofício. Temos um cenário para ser montado. Os primeiros passos foram dados e podemos diagnosticar as dificuldades como se estivéssemos diante de um grande álbum desgastado pelo tempo. Os acervos *carcomidos* pelas traças, acondicionados de maneira inadequada, a ausência de sistematização a respeito do tema, as informações presas às memórias individuais representam a dívida da História com a história da fotografia no Rio Grande do Norte.

José Ezelino da Costa, Tomaz Alberto Dantas, Bruno Bougard, Enoque Pereira das Neves são os nomes que constam dos “primeiros inventários” da fotografia como um ofício, na região do Seridó. Num processo de *arqueologia* estamos encontrando não só os fotógrafos, mas reencontrando os fios de uma história que seguiu trajetórias para além da escrita convencional, predominante na época de suas existências. Na diversidade de documentos podemos ver os ritmos, as variações, os acordes de uma sonoplastia que desconcerta a memória linear do tempo, fazendo vibrar uma partitura feita de

tons descontínuos. A semelhança dessa partitura musical é na variação das fontes que podemos encontrar a sintonia dos discursos e das imagens e construir leituras do espaço, do tempo, da sociedade, da cultura por meio da fotografia.

O Fotógrafo...

Tomaz Alberto Dantas, primeiro poeta da luz da cidade de Carnaúba dos Dantas, nasceu em 12 de dezembro de 1885, no sítio Xiquexique, à época, pertencente ao município de Acari. Filho caçula de Manuel Alberto Dantas e Maria Joaquina dos Santos, teve seis irmãos e duas irmãs: José Alberto Dantas, Antônio Alberto Dantas, Pedro Alberto Dantas, Paulino Alberto Dantas, Cassimiro Alberto Dantas, Manuel Alberto Dantas (2º), Maria Francelina Dantas e Luzia Dantas.

Parte de sua história foi vivida na zona rural, nos municípios de Carnaúba dos Dantas e Parelhas-RN. Em Parelhas ele casou-se em 18 de maio de 1919 com a senhora Ana Rita de Azevedo Dantas, que era “uma mulher católica, era uma mulher arta e bunita”, diz a senhora Josefa Delmira Dantas⁵. Da união conjugal nasceram quatro filhos: Alberto Dantas, Napoleão Alberto Dantas, Salomão Alberto Dantas e Maria Aliete Dantas.

Ulisses Bezerra Potiguar também lembra do ofício de Tomaz. Conta-nos que sua residência servia como estúdio fotográfico. Era uma casa simples, que ele assim descreve:

(...) na sala principal da casa dele, tinha o local, tinha as molduras com as fotografias e ele fazia o trabalho dele lá no interior da casa. (...) uma sala comum sem nenhum requinte de coisas modernas, de novas, não, uma sala como qualquer salinha de casa de interior, onde tinha as molduras e ele lá pra dentro ele tinha a máquina dele, com o tripé, aquele pano que cubria a cabeça “olha o passarinho que vai sair” fotografava e pronto, agora o trabalho dele ele fazia à noite, em casa, as revelações, aí eu não tenho condições de dizer primeiro por que nunca tive a oportunidade de ver e segundo porque também não tive a curiosidade de olhar.³

O cenário que envolvia a vida familiar era compartilhado com a vida profissional. No estúdio eram feitas principalmente fotografias 3 x 4, no entanto, ele com frequência estendia o seu ofício para além das fronteiras do estúdio chegando até às praças, às igrejas, aos jardins e às residências urbanas e rurais. Isso se dava em especial para registrar momentos como casamentos, batizados, primeiras-comunhões, formaturas e eventos políticos. Nessa *itinerância*, viveu muitas histórias e fatos marcantes.

Tomaz Alberto Dantas era homem astuto e determinado para enfrentar o inesperado. Em sua residência havia um letreiro que informava “as setes verdades são seis”, mostrando seu tino filosófico

e sua visão de mundo que se expressava, muitas vezes, em situações inesperadas, tal como uma narrada por Ulisses Bezerra Potiguar:

(...) uma vez ele [Tomaz] acordou com uma zoada em casa a esposa chamando era D. Maria [Ana] (...), aí ela disse Tomaz! Ele disse: o que é? Ela disse tem gente dentro de casa ele disse: não é possível, quem vai entrar aqui pra roubar, a gente não tem nada, mas ele levantou-se com aquela calma dele muito tranqüilo e chegou tava o ladrão: Boa noite deseja alguma coisa? Aí o caba não tinha o que dizer (risos) dentro da casa alheia de noite. Ele disse: é eu sei que o senhor está aqui atrás de alguma coisa, talvez seja com fome, né? Talvez seja necessitando de alguma coisa. Dinheiro eu não tenho pra lidá, mas o senhor ta com fome. Aí o ladrão pra confirmar disse: tô. Ele disse: Maria Rita faça um café e bote umas bolachas pra ele, que ele é o que a gente tem. Aí sentou-se na mesa, tomou café com o ladrão, etc, etc. Aí ele disse: agora eu vou orientar o senhor. Nunca mais entre na minha casa, né por nada não que eu não tenho o que o senhor roubar, entre na casa do Coronel Florenço, do Coronel Luro, aí deu o nome dos homens supostamente rico de Parelhas, né? Ele deu o nome de tudinho e cê bata na porta pra não precisar destelhar a casa, pra num me dá prejuízo (...).⁴

As posturas que ele estabelecia para solucionar alguns impasses do dia-a-dia reforçavam as marcas de sua personalidade que se confirmam pela intensidade e expansão dos sentimentos. Exemplo disso era o quadro de fotografias viradas de cabeça para baixo, que existia no seu estúdio, no qual havia o letreiro “os velhacos de Parelhas”, indicando as pessoas que encomendavam fotografias e não iam pegá-las. A estratégia que ele escolheu e cultivou em toda sua existência foi sentir, observar, expressar plenamente os propósitos de ser autêntico, dono de seus caminhos e de suas opiniões.

Era fotógrafo renomado para a população carnaubense e parelhense, pois dominava as artimanhas da fotografia em preto e branco com *destreza*. Assim, não podia deixar de corresponder às intenções do fotografado, sendo comum ele “ajeitar” as pessoas fossem elas moças, rapazes, senhoras, senhores ou crianças. A importância da pose era fundamental. Por isso era necessário o fotografado apresentar-se em sua “melhor forma”. Neste sentido, o papel do bom fotógrafo era primar pela beleza estética, o que exigia muitas vezes do profissional da escrita da luz assumir o papel de figurinista da realidade que se revelaria posteriormente na fotografia. O fotógrafo teria que preparar, arrumar e apontar as melhores posições para o retratado. Os relatos dão conta de que ele assumia com responsabilidade o papel de mostrar a melhor imagem dos seus clientes. Essa responsabilidade é lembrada pelo senhor Heleno Dantas Azevedo, quando afirma:

(...) É o senguinte, naquela época, as mulheres não usava, o que diabo é aquilo? Sutião é? Mas aquela época não usava era um pra cima outros pra baixo (risos) me desculpe, eu disse que era grosseria, mas você disse que eu podia dizer, aí ele ajeitava, “isso é desleixo de sua mãe” pegava com as duas mão assim aí deixava bem apumadinho o trem. Aí tirava a foto.⁵

O relato do senhor Heleno parece confirmar o fotógrafo como o *estetizador* da realidade e da fotografia como o momento que consagra e congela um instante que jamais se repetirá a não ser como uma lembrança eterna.

Conta o senhor Ulisses Bezerra Potiguar, que certa vez uma cliente se surpreendeu com sua foto, pois ao recebê-la não se reconheceu na imagem, uma vez que se achava mais bonita pessoalmente do que na fotografia revelada. O fotógrafo por ser sincero, retrucou: “(...) minha filha não tenho o que fazer não, porque a senhora de corpo é muito bem feita tem um corpo bonito; agora a sua cara é uma ruma de merda, esse foi o diagnóstico dele. Ele de uma sinceridade o que vinha ele dizia.”⁶

Os relatos dão conta de que ele não era um homem de muitas conversas, mas quando era instigado a se posicionar o fazia de peito aberto, demonstrando sinceridade. Não sendo um homem afeito a muitas conversas, suas palavras eram tentativas de agradar ao seu “eu” mais profundo do que as expectativas sociais; caso não estivesse de acordo com a opinião do outro e sendo provocado a responder, ele não recuava, abria o peito, soltando para os quatro cantos o que para ele era correto.

A história de Tomaz na fotografia *enreda* a história da fotografia no Seridó, sendo uma das linhas que tece o imaginário da vida do seridoense. A sua história não está isolada, mas entrelaçada à do seu amigo José Ezelino da Costa, primeiro fotógrafo de Caicó-RN, com quem ele aprendeu a arte da escrita da luz, provavelmente entre os anos de 1917 e 1919. Posteriormente o próprio Tomaz assumiu a posição de “professor”, ensinando essa arte para Heleno Dantas de Azevedo, segundo fotógrafo de Parelhas. Também estabeleceu contato com Heráclio Pires, químico e farmacêutico que trouxe para o Seridó modernas técnicas de revelação fotográfica nas primeiras décadas do século XX.

As luzes da vida se apagaram para Tomaz Alberto Dantas em 20 de março de 1971, na cidade de Natal, data em que ele faleceu.

O Patrimônio...

Nas primeiras décadas do século XX, os elementos disponíveis para se trabalhar a fotografia eram mais *robustos* se comparados aos utilizados atualmente. Uma máquina, por exemplo, chegava a

pesar dez quilos, sendo o fotógrafo logo identificado pela quantidade de materiais que carregava para efetuar seu ofício em ambientes como vias públicas, praças ou em passeios.

Segundo as informações colhidas com pessoas e memórias⁷ sobre o poeta da luz Tomaz Alberto Dantas, o contato dele com o mundo das imagens se deu entre as décadas de 10 e 20 do século passado. Ele recorreu a equipamentos como maleta de couro para transportar produtos químicos necessários à revelação das imagens, balanças de pesar substâncias químicas, máquinas de modelos diversos, sendo a mais emblemática a do tipo “lambe-lambe”, lembrada assim pela senhora Josefa Dantas⁸ “... a máquina era bem grande, de tripé, e aí ele dizia: olhe o passarinho ali... e pam! Tirava a foto. Era uma alegria com as crianças...”.

No período em que Tomaz exerceu seu ofício pode-se dizer que era elevado o compromisso do fotógrafo em filtrar a melhor imagem. Sua arte de fazer se estendia desde a intimidade com as *peculiaridades* das máquinas fotográficas, até aos solitários labirintos das câmaras escuras, pois cabia a ele saber lidar com os compostos químicos para revelar as imagens que se escondiam nos negativos. Seu Heleno⁹ registrou na memória os caminhos que Tomaz trilhava para mostrar ao mundo os encantos dos contrastes entre a luz e a sombra, as maravilhas da “lambe-lambe”:

... Era um caixão da altura busto, pano preto foi assim que ele me ensinou. Já pra dentro e deixava um buraco um papel vermelho, aí dali a gente revelava ali e pra revelar, pra fazer o foto, ali ele colocava o... era a chapa, era um vidro sabe? Num quadrozinho de madeira e abria a janela, fazia com baixo tinha um negócio de revelar, três revelador, possona, netol, brometo,... e outros dois produtos que eu não tô lembrado. Sabe? A gente fazia, era tinha que ter uma balançinha para pesar, balançinha para pesar meia grama porque era 1 grama de uma coisa, 2 gramas de outra e (...) ele fazia né? Ele colocava a chapa assim abria a porta e ligeiro dava com a mão pra rua e fechava, aí ia revelar, via, no papel vermelho e se desse quilaro aí perdia...¹⁰

Os materiais citados eram comprados em Campina Grande, no Estado da Paraíba, ou em Jardim do Seridó, com o senhor Heráclio Pires, que era químico e farmacêutico, embora também exercesse a profissão de fotógrafo.

Tomaz Alberto foi capaz de captar, enquadrar e enfocar através das lentes da objetiva cenas do cotidiano da vida sertaneja *legando* ao tempo e a memória as diversas possibilidades de leituras acerca do amor, da vida, das festas, do trabalho do homem rural e urbano.

As fotos, cujos versos estão fortemente marcados por poéticas declarações de amor, por sinceros agradecimentos e por votos de amizade, estão arquivadas em álbuns de famílias, de conhecidos e desconhecidos de Tomaz, distribuídas especialmente em cidades como Carnaúba dos Dantas-RN, Jardim do Seridó-RN, Parelhas-RN e Equador-RN. Essas imagens em preto e branco são

crônicas de uma época; são fragmentos de memória; são bens culturais globais que representam e/ou possibilitam leituras infinitas, singulares e plurais dos aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos do povo carnaubense, do povo parelhense e por extensão do povo norte-rio-grandense.

Confia-se que os álbuns protegem fragmentos estéticos de singular beleza. A fotografia como um bem cultural e de contemplação guarda conteúdos que são suportes para a memória. Folheá-los representa quase um cerimonial, onde as pessoas se aproximam, se distanciam, riem e choram de saudades, de tristeza e de alegria.

Quando se problematiza a imagem estabelece-se um paralelo com elementos intrínsecos às proposições do Patrimônio Cultural, que para Carlos Lemos engloba um grupo de bens extremamente diversificados, representativos e importantes para os habitantes de um lugar, de uma região e de uma nação. Neste sentido, a fotografia como Patrimônio Material e Imaterial de um lugar, de um povo se constitui como uma narrativa *porosa*, que se alonga e se retrai, enrijece e flexibiliza as razões de nossa existência.

A história da fotografia, a vida de Tomaz Alberto Dantas e o imaginário social de Carnaúba dos Dantas e Parelhas-RN são fontes de informação, são pontos de uma rede que pode nos fazer compreender um pouco mais sobre o conjunto de valores, de saberes, de fazeres, de regras, de normas e de estratégias que ampliam a *complexificação* do “álbum inacabado da história da condição humana”.

Notas

¹ LINS, Osman. **Revista Entre Livros**. Ano I, nº I. p. 16-9.

² Dona Josefa Delmira Dantas é mais conhecida como Josefa de João Claudiano pelos conterrâneos carnaubenses. Era sobrinha de Tomaz e filha do irmão mais velho dos Alberto Dantas, do Xique-Xique. Ela guarda na memória as vezes que foi fotografada pelo tio. Depoimento concedido por Josefa da Silva Delira Dantas (D. Josefa de João Claudiano), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 27 de dez.2003.

³ Depoimento concedido por Ulisses Bezerra Potiguar (Dr. Ulisses), médico residente em Parelhas, no dia 13 de fev. 2004.

⁴ Idem.

⁵ Depoimento concedido por Heleno Dantas de Azevedo, residente em Parelhas, no dia 14 de fev.2004.

⁶ Depoimento concedido por Josefa Delmira Dantas (D. Josefa de João Claudiano), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 27 de dez.2003.

⁷ Os informantes que contribuíram com as atividades de pesquisa e sistematização dos dados do Projeto de Pesquisa “Fotografia e Complexidade: itinerários norte-rio-grandenses”, coordenado pela Professora Eugênia Maria Dantas, do Departamento de História e Geografia, com vistas a compreender as experiências de Tomáz Alberto Dantas como fotógrafo foram respectivamente: Ulisses Bezerra Potiguar, Júlia Albertina Dantas, Josefa Delmira Dantas e Heleno Azevedo.

⁸ Depoimento concedido por Josefa Delmira Dantas (D. Josefa de João Claudiano), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 27 de dez.2003.

⁹ Seu Heleno aprendeu a fotografar com Tomáz Alberto e o substituiu, quando ele foi embora morar em Natal/RN.

¹⁰ Depoimento concedido por Heleno Dantas de Azevedo, residente em Parelhas, no dia 14 de fev. 2004.

